



Hortas comunitárias como construção de conhecimento agroecológico na Comunidade do Vital Brazil, Niterói, RJ

Community gardens as a construction of agroecological knowledge in the Vital Brazil Community, Niterói, RJ

SARMENTO, Bianca¹; FARIAS, Gabriel²; BARBOSA, Assucena³; CANELLA, Patrícia⁴; AZEVEDO, Fernanda.⁵; VALENTE, Luiza⁶

¹ Favela Verde, biancaoliver@id.uff.br ; ²Favela Verde, zen.terraagroecologia@gmail.com
³Universidade Federal Fluminense, assucenabarbosa@id.uff.br ; ⁴ Universidade Federal Fluminense, patriciaacanela@id.uff.br ; ⁵ Universidade Federal Fluminense, fernanda_moreira@id.uff.br;
⁶Universidade Federal Fluminense, Imareti@id.uff.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Construção de conhecimento agroecológico

Apresentação e Contextualização da experiência

Segundo Altieri e Nicholls (2020), uma das cinco principais áreas em que a agroecologia pode apontar o caminho para uma nova agricultura pós COVID-19 é a melhoria da agricultura urbana. Cerca de 80% dos 1,5 bilhão de hectares dedicados à agricultura no planeta são ocupados por monoculturas industriais em larga escala (Altieri e Nicholls, 2020). As monoculturas no Brasil, são feitas em grandes latifúndios e produzem commodities agrícolas para exportação e não alimentos consumidos pela população. Grande parte desses alimentos é cultivada em pequenas e médias propriedades, o que evidencia a estrutura fundiária da agricultura brasileira marcada pela concentração de terras. Segundo o Censo Agropecuário de 2017, 76,8% dos estabelecimentos agropecuários pertencem a agricultores familiares que detém 23% da área total (IBGE, 2017). Essa configuração provoca sérios conflitos no campo, e desencadeia uma luta intensa pela redistribuição de terras no país.

Existem muitas iniciativas e atores em todo o mundo impulsionando práticas alternativas de sistemas alimentares. De acordo com a FAO (2016), uma das iniciativas mais promissoras é a de hortas comunitárias. Em meio à crise do COVID-19, várias pessoas reforçaram a agricultura urbana como uma importante alternativa sustentável para aumentar a segurança alimentar em um planeta urbanizado, onde 60% da população mundial vive em cidades, incluindo 56% dos pobres do mundo e 20% dos subnutridos (de Bon, Parrot e Moustier 2009).

Segundo Martellozzo et al. (2014), no ano de 1993, somente 15% dos alimentos consumidos nas áreas urbanas em todo o mundo eram produzidos nas próprias cidades. Entretanto, em 2005, essa proporção aumentou para 30%. Em outras palavras, a produção de alimentos nas áreas urbanas duplicou em um período de aproximadamente 12 anos. Essa tendência de crescimento da agricultura urbana continua até os dias de hoje. Estima-se que a produção global projetada esteja entre



100 e 180 milhões de toneladas de alimentos por ano, o que corresponde a aproximadamente 15-20% da produção alimentar mundial.

A experiência que é relatada neste trabalho está relacionada à agricultura urbana de base agroecológica que vem sendo realizada na Comunidade do Vital Brazil pelo coletivo Favela Verde, na cidade de Niterói, estado do Rio de Janeiro. A comunidade é composta por 450 famílias. A Associação de Moradores do Vital Brazil (AMOVIBRA) estima que dessas famílias, 75% das mulheres são negras e a maioria delas possuem baixa escolaridade e baixa renda.

O Favela Verde é um coletivo autogestionado por moradores da comunidade e conta com 21 integrantes de dentro da comunidade e alguns de fora, como professores e estudantes da Universidade Federal Fluminense, integrantes de outros coletivos e outros interessados. As atividades desenvolvidas pelo coletivo promovem a educação ambiental por meio do plantio em áreas subutilizadas, eventos e, durante a pandemia, a distribuição de cestas agroecológicas às famílias mais vulneráveis.

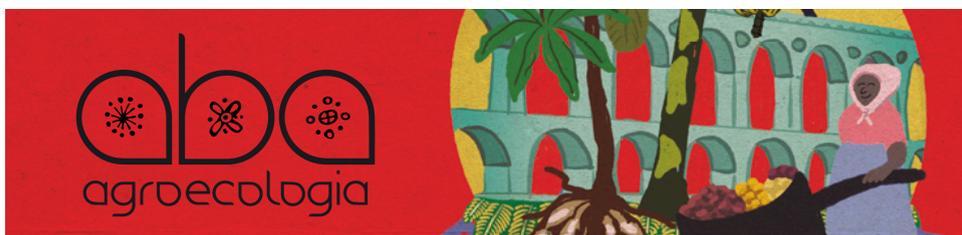
Desenvolvimento da experiência

Em 2020, através da iniciativa de dois moradores, Bianca Sarmento e Gabriel Farias, um terreno baldio de 200m² na comunidade foi revitalizado com o plantio de árvores frutíferas, ervas aromáticas e flores. Assim, percebeu-se o interesse de outros moradores em partilhar sementes, conhecimentos sobre cultivo de alimentos, receitas e trocas de mudas foram estabelecidas. Com o tempo, e com muito diálogo, mais pessoas aderiram às atividades.

Durante a pandemia da COVID 19, as prioridades mudaram e houve a necessidade de isolamento social. Na ocasião, as ações de plantio foram inviabilizadas e a fome e a insegurança alimentar e nutricional dos moradores se agravaram. Apesar de receberem ajuda do governo e cestas básicas, a demanda por alimentos frescos in natura, como frutas e legumes, não estava sendo suprida. Um agravante neste cenário foi uma inflação no grupo de alimentação e bebidas, que apresentou a maior variação (14,09%) e o maior impacto (2,73 p. p.) no acumulado do ano de 2020 (IBGE, 2020). Neste período, o coletivo uniu os esforços para arrecadar alimentos e doar cestas básicas para os moradores que se encontravam em situação de extrema insegurança alimentar. Com isso foram doadas mais de 200 cestas básicas através de campanha feita pela internet.

Através de relatos dos moradores beneficiários das cestas básicas, foi observada a falta de alimentos in natura, principalmente para as crianças e idosos, que precisavam de melhorias nutricionais. O fornecimento desses alimentos poderia melhorar a imunidade e reduzir o risco de contaminação com o Coronavírus.

No início de 2020, preocupados com a saúde dos seus vizinhos e parentes, foi realizado um mutirão em que foram plantadas árvores frutíferas e plantas



medicinais. As ações se intensificaram a partir do convite da Secretaria de Participação Social e da Prefeitura de Niterói, que deram apoio e recursos, através do Projeto Niterói Jovem Eco Social, para a implementação de seis intervenções em espaços comunitários da localidade. Essas intervenções aconteceram através de mutirões e aulas práticas de agricultura urbana de 15 em 15 dias nos espaços comuns da comunidade. Assim, foram implantados: um Sistema Agroflorestal Agroecológico (SAFA) com foco em frutas, plantas alimentícias não convencionais (PANCs) e verduras, além de dois canteiros de plantas medicinais nas imediações de duas Unidades de Saúde da Família locais e de dois reflorestamentos com o intuito de recuperar corpos hídricos e nascentes da comunidade.

A interação com jovens e crianças era frequente pois o projeto Eco Social dava uma ajuda de custo de R\$600,00 para os jovens inscritos participarem das intervenções. Já as crianças, que brincavam nas ruas, viam as ações de plantio e se interessavam em participar. Grande parte das crianças já haviam plantado em casa e muitas conheciam as frutas e plantas cultivadas. Isso fez com que o coletivo percebesse que grande parte dos moradores da comunidade tem origem rural e transferem esse conhecimento às crianças.

Os idosos também se mostraram interessados em participar dos mutirões. Muitos deles vinham porque os netos já participavam das atividades. A partir de então, percebeu-se que muitos moradores tinham interesse em plantar para melhorar a alimentação, a saúde mental e, conseqüentemente, a qualidade de vida. Hoje, mais de 60 famílias se envolvem com as ações do coletivo.

Em setembro de 2021, o projeto Eco social foi descontinuado e as ações já realizadas foram mantidas pelos moradores envolvidos com o coletivo. Além disso, novas propostas foram criadas para contribuir com a saúde e segurança alimentar da comunidade como oficinas de conscientização ambiental, mutirões de plantio, cursos de horticultura, identificação de PANCs e sua utilização em receitas. Essas novas ações fortaleceram a promoção de trocas de saberes, sensibilização ambiental da população e o bem estar social e ambiental. No mesmo mês, com apoio da ONG Soluções Urbanas em parceria com a Fiotec e a Fiocruz e seu programa de enfrentamento da Covid 19, foi submetido um projeto do coletivo à chamada pública do “54X Favela”, que permitiu a continuidade do trabalho.

Em agosto de 2022, o coletivo foi contemplado com R\$50.000,00 na chamada para a distribuição de cestas agroecológicas, provenientes da agricultura familiar. As cestas foram distribuídas para 40 famílias da comunidade do Vital Brazil, durante 6 meses. Isso proporcionou a intensificação do trabalho de conscientização a respeito do papel da alimentação como um ato político frente a um sistema econômico que prioriza o lucro em detrimento da saúde.

Essa parceria também foi importante para a valorização dos produtores familiares do entorno, de onde eram adquiridos os produtos escolhidos para a montagem das cestas. Em um contexto de instabilidade econômica, conseqüente da pandemia, a



escolha por pequenos produtores da região foi significativa para contribuir com a economia local, em um período tão crítico.

Hoje, em 2023, foi firmada uma parceria entre o coletivo Favela Verde e a Secretaria de Meio Ambiente de Niterói, a fim de desenvolver a agricultura urbana e agroecológica na comunidade do Vital Brazil. Esta é uma experiência pioneira para o Projeto Agroecologia nas Favelas, que tem como objetivo cadastrar agricultores urbanos e agroecológicos nas Comunidades da cidade de Niterói, de forma a incentivar o cultivo de alimentos na cidade e contribuir no combate à insegurança alimentar e na geração de renda através da venda desses alimentos para mercados municipais, escolas e restaurantes populares.

Desafios

Das seis intervenções feitas pelo coletivo durante dois anos de atividades, apenas três foram mantidas de forma constante pelos moradores. Os dois reflorestamentos agroflorestais no topo do morro foram descontinuados pela falta de disponibilidade de água e dificuldade de acesso para manejo. Além disso, a não cooperação de alguns moradores, que acabaram por fazer o uso indevido dos canteiros cercados instalados, ao introduzirem animais para pastejo, impediu o desenvolvimento dos cultivos.

Na intervenção realizada na praça foram plantadas flores e ervas aromáticas, porém a ação foi interrompida devido ao acúmulo de resíduos sólidos, conseqüente do descarte de lixo inapropriado na proximidade. Em um mutirão, todo o lixo foi retirado da área e placas para a conscientização dos moradores, pôde ser observada a redução de lixo e entulho no local, mesmo que ainda insuficiente para o sucesso dos plantios. Outro fator que corroborou para a descontinuidade desta ação foi o fato de que a Companhia de Limpeza de Niterói (CLIN), quando fazia a roçada dos matos, acabava retirando plantas de importância paisagística instaladas pelos moradores, junto ao coletivo. Foi constatada com isso, a pouca comunicação com a empresa responsável pela limpeza da área. Entendemos que seja necessário um contato e eventual treinamento da equipe da empresa para colaborar com a limpeza sem prejudicar os plantios já realizados.

Alguns desafios fizeram com que os agentes do coletivo passassem a priorizar apenas os espaços cuja manutenção se mostrou possível para eles. São essas as duas hortas medicinais feitas nas Unidades de Saúde da Família, estabelecidas em áreas cercadas e restritas ao acesso dos usuários dos serviços do posto. A manutenção é feita pelos funcionários através da rega diária. Também o SAFA localizado na entrada da comunidade foi mantido. Nele, a maioria dos integrantes do coletivo tem fácil acesso e transitam todos os dias, podendo assim manejar com mais frequência.



Principais resultados alcançados

O principal resultado alcançado foi a melhoria nos hábitos de alimentação dos moradores, que hoje, sabendo o que são ultraprocessados e cientes do mal que eles podem causar à saúde, podem escolher qual alimento ingerir. Além disso, criou-se a percepção de que é possível cultivar alimentos na cidade, em pequenos espaços de terra, dando a essas pessoas autonomia de cultivar alimentos saudáveis e gerando soberania e segurança alimentar no território periférico da favela.

As hortas comunitárias urbanas são uma poderosa ferramenta para transformar as cidades em espaços mais verdes, conectados e resilientes e desempenham um papel fundamental na construção de comunidades saudáveis e sustentáveis nas cidades. A partir desse trabalho de construção de conhecimento agroecológico autogestionada pelos moradores da comunidade, ficou claro que as ações promovidas com bastante diálogo, práticas educativas e promoção da saúde obtiveram maior adesão da comunidade. Seja a respeito do descarte de resíduos sólidos ou do cultivo do próprio alimento, foi possível observar e quantificar melhorias na qualidade de vida dos moradores envolvidos com as ações do projeto.

Ao proporcionar acesso a alimentos frescos, promover a educação ambiental, fortalecer os laços comunitários e aumentar a resiliência local, essa iniciativa está transformando a forma como a comunidade se relaciona com a alimentação e o meio ambiente. A ampliação do diálogo e integração da comunidade estabelece troca de saberes que vem criando uma comunidade mais saudável, consciente e sustentável, onde a segurança alimentar e o bem-estar são garantidos para todos.

Através do apoio do coletivo, os moradores são capazes de produzir alimento agroecológico, mudas de plantas, terra adubada, biofertilizante, entre outros produtos. Assim, em um futuro próximo, eles podem criar uma cooperativa de produtores agroecológicos para diminuir a insegurança alimentar local e gerar renda às famílias envolvidas, podendo estas venderem seus produtos em feiras e mercados municipais.

Disseminação da experiência

Com o aumento da visibilidade desse trabalho pelo poder público, criou-se uma parceria entre o projeto e a Secretaria Regional de Santa Rosa, bairro onde a comunidade está situada, que atualmente ajuda com infraestrutura para os eventos do coletivo, também pela Secretaria de Participação Social e Secretaria de Meio Ambiente, que estão apoiando com atividades, trazendo cursos, doações de mudas e cadastramento de mais de 20 famílias como agricultoras agroecológicas de Niterói. Isto facilita o acesso dos agricultores às políticas públicas e créditos agrícolas, dando a eles a possibilidade de crescerem em seus empreendimentos agrícolas urbanos.



Novas oportunidades e ideias emergiram através da interconexão estabelecida em encontros entre moradores, acadêmicos, iniciativas governamentais e a implementação de políticas públicas de incentivo. Foi por meio dessa rede que se desenvolveu uma teia, na qual as trocas e colaborações resultaram na geração de novas ideias e oportunidades. Um exemplo foi o início do projeto “Quintais Produtivos”, no qual os moradores passaram a produzir em seu próprio terreno, unindo conhecimentos prévios dos próprios e a implementação de técnicas agroecológicas trazidas a partir de vivências e mutirões. Tendo assim, mais facilidade no acesso a água, manutenção e manejo do espaço produtivo e tornando estes locais espaços de aprendizagem continuada.

Atualmente existe um grupo no WhatsApp de adultos e idosos que trocam receitas, mudas, sementes e conhecimento tradicional. Isso tem sido uma ferramenta importante de construção de conhecimento agroecológico na comunidade.

Referências bibliográficas

ALTIERI, Miguel; NICHOLLS, Clara I. Agroecology and the reconstruction of a post-COVID-19 agriculture. **The Journal of Peasant Studies**, 47:5, p. 881-898. 2020. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03066150.2020.1782891>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

DE BON, Hubert; PARROT, Laurent; MOUSTIER, Paule. “Sustainable Urban Agriculture in Developing Countries. A Review.” **Agronomy for Sustainable Development** v. 30: n.2132. 2009 doi: 10.1051/agro:2008062.

FAO. 2016. Connecting Smallholders to Markets. Disponível em: <<https://www.fao.org/3/bq853e/bq853e.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2023

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo Agropecuário 2017.

IBGE. Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Brasília: IBGE, 2021. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29870>>. Acesso em: 22 jun. 2023.

MARTELLOZZO, Federico et al. Urban Agriculture: A Global Analysis of the Space Constraint to Meet Urban Vegetable Demand. **Environmental Research Letters**, 2014. Disponível em: <<https://iopscience.iop.org/article/10.1088/1748-9326/9/6/064025>>. Acesso em: 04 jul. 2023.